

Cognição, Linguagem e Educação

Entrevista com
José de Morais
(Universidade Livre de Bruxelas)

Thiago Oliveira da Motta Sampaio



Foto: Thiago Motta Sampaio

Primeiramente, a Revista Linguística Rio gostaria de agradecer a disponibilidade de José de Morais para nos conceder esta entrevista. A título de apresentação, José é Psicólogo de formação e atua como professor e pesquisador na Universidade Livre de Bruxelas na Bélgica, onde coordena projetos relacionados ao letramento. Por esta razão, José é frequentemente consultado por políticos e educadores de diversos países, incluindo o Brasil, para o desenvolvimento de políticas de ensino. Por trabalhar com neurociência e estar bastante envolvido com educação e letramento, acreditamos que José de Morais é a pessoa certa para nos trazer sua experiência sobre questões relativas a interdisciplinaridade e questões políticas envolvendo a educação.

No Brasil, o termo *Ciências Cognitivas* não possui a mesma força que, ao menos pra mim, parece possuir em outros países como na França onde estive estagiando há algum tempo. Puxando um pouco pra minha linha de pesquisa, na verdade é bastante curioso que por mais que tenhamos um laboratório de Neurociência da Linguagem no prédio da Letras, no senso comum, se fazemos Linguística somos relacionados à área de Letras e Artes; Se trabalhamos com Neurociências somos relacionados à área da Saúde. Mas se fazemos Neurociência da Linguagem, já é algo inconcebível para muita gente, afinal é algo que não é exatamente Saúde, nem Letras... e no fim do dia acaba sendo interpretado como Psicologia por falta de uma "área de concentração", afinal é o que temos de mais próximo de uma área de Ciências Cognitivas aqui no Brasil.

Em seu trabalho aqui no Brasil, você já teve algum problema com essa tendência a encapsular as áreas de conhecimento?

Sobre o encapsulamento das áreas do conhecimento, tenho realmente verificado esta tendência. Porém, ela não é exclusiva do Brasil. Há poucos dias estive em uma reunião da comissão de avaliação de projetos de psicologia da Bélgica francófona e também notei que há uma tendência ao encapsulamento nestes projetos. Esta tendência não é só da Fundação de pesquisa, mas também das pessoas que apresentam os projetos. Onde talvez eu mais claramente tenha encontrado isso pode ter sido na comissão científica do SHS (Ciências Humanas e Sociais) na França, que inclui muitas disciplinas. A tendência é as pessoas das humanidades e das ciências sociais se fecharem relativamente àquilo que tem ligação com as ciências da vida, como por exemplo os estudos da consciência, tanto na Neurociência quanto nas Ciências Cognitivas, seja na cognição humana ou na cognição animal, embora a compreensão desse objeto de pesquisa e de muitos outros fosse certamente beneficiada por estudos que combinassem as perspectivas e as metodologias de diversas disciplinas. Acontece que muitos dos projetos apresentados tendem a jogar estes temas, não para fora das ciências humanas e sociais, mas para as fronteiras. Eles os jogam por motivos relacionados às exigências das instituições que distribuem os fundos e às demandas de financiamento dos candidatos.

Quais seriam suas sugestões para que possamos atingir uma maior interação entre as áreas do conhecimento?

Na verdade me parece que seria mais interessante que, ao invés de haver essa competição e concorrência, houvesse mais procura de estabelecer pontos em comum e criar projetos na interseção entre as áreas. Para isso seria preciso ultrapassar a atuação de defesa, que parece ter origem no receio relativamente ao outro. Este receio conduz a uma situação de competição que contrariam possíveis colaborações. Não é fácil dar sugestões. Talvez esta: que cada um procure refletir de maneira sistemática e precisa sobre como melhorar a qualidade da sua contribuição à ciência. Quem está seguro de seu trabalho, da contribuição que pode dar, não tem medo de colaborar com parceiros igualmente seguros de si, vindos de outras disciplinas. Isto parece uma receita de psicólogo mas é justa. Não se trata de criar uma ilusão de competência para poder colaborar sem receio, trata-se de ser competente mesmo.

Ao observar o seu trabalho, percebo que você tem uma atenção especial à aplicação do conhecimento científico na vida prática, no caso utilizando-o como 'tecnologia' para auxiliar as políticas de alfabetização. Mas mais do que isso, você traz estes conhecimentos à tona ao mesmo tempo que integra conhecimentos de áreas distintas em um objetivo comum. Para você, qual a importância deste

trabalho de aplicação?

Na verdade meu interesse principal ainda é a pesquisa fundamental. A questão da aplicação veio depois. Me pediram pra escrever um livro sobre leitura, até esse momento eu não tinha me debruçado sobre questões de aplicação, mas esse livro seria muito interessante para o público em geral, e seria publicado por uma editora francesa com muita difusão, a Odile Jacob. Então aceitei fazer o *L'Art de Lire* (Arte de Ler) que teve uma influência enorme na minha vida. Ele acabou fazendo sucesso, fiquei conhecido do Ministério de Educação e fui convidado a fazer parte do Observatório Nacional da Leitura. E assim acabei por estar implicado nas questões da aplicação. Começou então um novo aspecto da minha vida acadêmica mas minha orientação de pesquisa continua sendo fundamental.

Ainda assim, apesar do meu gosto e prazer principal ser a pesquisa fundamental, penso que nós, os “fundamentalistas”, temos algumas obrigações. Se adquirimos conhecimentos sobre coisas da mente que podem ser utilizadas para melhorar a educação, é nossa responsabilidade comunicar esses conhecimentos às pessoas que tomam decisões sobre educação e aos educadores. Tudo isso conduz a uma questão que é: para sabermos qual a influência da literacia na educação e no processamento da linguagem, vamos precisar estudar o que acontece quando alguém se alfabetiza, por exemplo, na idade adulta. Por essa razão estou envolvido na criação de um curso de alfabetização que seja coerente com aquilo que sabemos sobre o processo de aprendizagem da leitura e da escrita. Claro que nosso estudo pode ter consequências na educação, e espero que venha a ter, mas o nosso objetivo principal, enquanto pesquisadores – não de ouro mas de ciência, que para nós é paixão mais forte –, é examinar como o cérebro é ativado ao longo deste processo.

Por exemplo, em uma de nossas pesquisas que estamos começando, examinamos como funciona o cérebro antes da aprendizagem da escrita. A aprendizagem, essa, está prevista para durar três meses. Durante este tempo, vamos verificar como funciona o cérebro dos voluntários quando lhes são apresentados estímulos escritos e outros, tais como faces, que têm uma representação cerebral muito próxima da das palavras escritas, para enfim comparar o seu funcionamento antes e ao longo desses meses com o estágio final da aprendizagem: portanto, antes, durante e depois. Trabalhando para alcançar este objetivo, estamos ao mesmo tempo criando instrumentos que podem ter uma aplicação prática.

Para você como um Psicólogo que trabalha com Psicologia e com a Neurociência para entender mais sobre a Linguagem em especial sobre a alfabetização, como seria possível ajudar a nossa educação que tem recebido índices tão alarmantes de proficiência de leitura?

Podemos fazer muita coisa para ajudar a Educação. É uma das razões que me têm feito vir tantas vezes ao Brasil. Agora a ideia é justamente de transmitir, na medida do possível, alguns desses conhecimentos, não apenas aos cientistas mas também aos professores do ensino primário. Eu tenho colaborado com gente que está claramente com o objetivo de ajudar a melhorar a alfabetização. No Brasil tem havido muitas tentativas para mudar a situação da leitura. Só que está demorando tempo demais. Mas temos de ajudar e não ter medo de agir. Insisto na expressão ‘*medo de agir*’. Não é fácil agir quando pensamos que existe uma espécie de doutrina sobre o ensino da leitura e da escrita que, não tendo a menor fundamentação científica, foi aceita pelo Ministério e agora é doutrina

oficial. E muita gente tem medo de ir contra o que é oficial, contra a autoridade. Ora a única autoridade que temos de respeitar é o que pensamos depois de termos analisado tudo muito bem, incluindo o que a ciência tem mostrado. Tenho criticado muito os documentos do Ministério com orientação pedagógica para os professores porque me parece que neles há um desconhecimento total da ciência. Na Universidade, vejo gente disposta a dizer coisas na direção de mudar a educação, mas que as vezes tem um certo medo de agir, e isso é compreensível. A pressão da ideologia oficial é muito forte! Não podemos aceitar essa pressão porque todas as ideias podem ser discutidas e devem ser discutidas. E se quisermos melhorar a Educação devemos criar liberdade para a discussão destas ideias.

Após estes dez anos de formação, eu ainda desconheço este termo ‘Ciência da Leitura’, poderia falar um pouco mais sobre o assunto?

Sim, existe uma Ciência da leitura e conta com muitos autores no mundo. Eu contribuí há uns nove anos para um livro que se chama *The Science of Reading Handbook* (Cadernos da Ciência da Leitura). Na realidade ela não existe como disciplina, mas tem havido uma convergência de várias disciplinas para estudar a leitura e, por isso, se fala hoje em uma Ciência da Leitura. E tudo isso que tem sido feito com métodos científicos sobre a leitura ainda é desconhecido de muitos universitários, mesmo quando se ocupam da linguagem e até da leitura. Volto aos documentos do Ministério. Se eles citassem e discutissem corretamente os argumentos estaria tudo bem, mas a malandrice é que eles ou ignoram completamente os trabalhos da Ciência da Leitura, ou os deturpam. Ainda assim, acredito que a questão da Educação ainda vai dar certo.

Esta revista da qual você está participando é o resultado de seis meses de reuniões semanais entre os alunos das seis linhas de pesquisa do Programa. Apesar das adversidades, essa iniciativa pioneira de alguns alunos nem sempre tem a adesão do Programa como um todo. Que conselho você poderia nos dar para que a gente consiga uma maior mobilização em torno das reuniões e também da revista ?

Minha primeira reação a esta pergunta é: eu sou incapaz de dar tais conselhos. Acredito que vocês saberão o que fazer. E se por acaso tiverem dúvidas, vão descobrir o que fazer ao longo do caminho, que ainda é a melhor maneira de chegarmos aos nossos objetivos.

Pensando um pouco melhor, meu conselho seria o de não afunilar. Alarguem a perspectiva interdisciplinar. Tratando e abarcando vários aspectos abordados em nossa conversa. Abram espaço para assuntos relacionados a Cognição, a Linguagem e a Educação. Acho que estes três temas podem reunir muitas pessoas, sejam linguistas sejam os não linguistas interessados em linguagem. Mas certamente irá atrair muitos linguistas e será realmente muito interessante. Alarguem em termos do objeto, e também nos termos das relações entre estes objetos. Se eu pudesse dar um conselho, seria este.

Para terminar, você gostaria de dar alguma palavra ou conselho para os futuros mestres e doutores em Linguística da UFRJ?

O estudo da Linguagem em todos os seus aspectos é muito excitante! É preciso sentir profundamente aquilo que nós estudamos. Se não for assim é melhor desistir e mudar de área. Quando fazemos o que gostamos de fazer, sentimos uma coisa extraordinária e excitante, que queremos saber cada vez

mais para podermos acrescentar algo ao conhecimento da área. Acho que isso é fundamental para determinar se é isso o que devemos fazer ou não.

Não importa o que escolhemos pesquisar, mas tem ser através dos métodos científicos. Repare que por métodos científicos eu não quero dizer que devemos necessariamente usar os equipamentos mais precisos que existem, pois isso muda com o tempo, numa velocidade estonteante. Os paradigmas também mudam e aparecem outros. Quando aparece algo novo, os equipamentos e paradigmas antigos se tornam ultrapassados. O que é verdadeiramente essencial no método científico é o que seria melhor traduzido pelo termo '*démarche*' em francês, que neste caso tem a ver com a condução da verificação. Nós sempre iniciamos nossos trabalhos elaborando uma hipótese com base no conhecimento adquirido e descrito na literatura. Buscamos dissecar e analisar completamente o nosso objeto e então o grande problema passa a ser o como proceder para verificar aquela hipótese. Isso é geral a todas as ciências: pensar em uma situação que nos permitam verificar a nossa hipótese. Depois, devemos pensar em quais as previsões que podemos fazer dada esta hipótese. Acho que é sempre preciso refletir sobre o processo de verificação de hipóteses e também refletir se estamos aplicando corretamente este processo de verificação. O resto passa a ser uma mera (mas às vezes complicada) questão de tratamento de dados.

Isso tudo é importante, mas digamos que esta é a ideia fundamental: a ciência começa quando colocamos uma questão. A partir de então pensamos numa hipótese. Depois, num processo de verificação de hipótese e, feita a análise dos dados, logo voltamos para a questão, visto que os resultados podem vir a mostrar que nós não nos dirigimos à questão da maneira correta. A ciência trabalha com uma sucessão de questões, no meio a gente tem que trabalhar, pensar, verificar, construir algo para verificar. Esta verificação nem sempre é experimental mas muitas vezes é. Mas os verdadeiros marcos no caminho da ciência não são os resultados, mas sim as questões e as subquestões sucessivas que a gente vai colocando. *A Ciência é isso, conseguir colocar novas questões.* O resto deixa de ter interesse pois a gente já sabe, já não é tão excitante.

Acho que isso é essencial transmitir para quem está começando e quer ser um futuro pesquisador. Colocar questões que são cada vez mais profundas e vão cada vez mais longe na nossa interrogação sobre o mundo, a natureza, a mente e a linguagem.

A Revista Linguística Rio agradece a atenção e a disponibilidade do Prof. José de Morais para esta entrevista. Agradecemos a conversa, os esclarecimentos, e também os conselhos para os nossos futuros linguistas.

REFERÊNCIAS:

MORAIS, José de. *L'Art de Lire*. Paris : Éditions Odile Jacob 1994.

MORAIS, José de; KOLINSKY, Régine. Literacy and cognitive change. In: M. Snowling & Ch. Hulme (Eds.), *The Science of Reading : a Handbook*. Oxford : Blackwell. 2005